

Seleção, apresentação e tradução
Jayme da Costa Pinto



HENRY

CONTOS

CARAMBAIA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **6**

CONTOS

Man about town ou enquadrando o savoir-faire **21**

Primavera à la carte **31**

A visão da boleia **43**

Uma história inacabada **53**

65 A vida amorosa de um corretor da bolsa

73 Aluga-se quarto

87 A reabilitação de Jimmy Valentine

103 A namorada gastadeira

Dois cavalheiros e o Dia de Ação de Graças **115**

O pêndulo **127**

Um cosmopolita no café **137**

149 A última folha

161 A receita perdida

173 De passagem pela Arcádia

O alegre mês de maio **185**

O conde e o convidado das bodas **197**

O perfil encantado **209**

223 Uma tragédia no Harlem

235 Nasce um nova-iorquino

^ NAMORADA GASTADEIRA ^

Havia 3 mil moças na Grande Loja. Masie era uma delas. Tinha 18 anos e trabalhava como vendedora na seção de luvas para cavalheiros. Ali, tornara-se conhecedora de duas variedades de seres humanos: cavalheiros que compram luvas em lojas de departamentos e mulheres que compram luvas para cavalheiros desafortunados. Além desse amplo conhecimento da espécie humana, Masie teve acesso a outras informações também. Tinha armazenado as gotas de sabedoria despejadas pelas outras 2.999 moças num cérebro tão discreto e cauteloso quanto o de um gato maltês. Talvez a natureza, prevendo que faltariam em sua vida conselhos ponderados, brindara Masie com o ingrediente da perspicácia, além da beleza, da mesma forma com que

dotou a raposa prateada de pelo magnífico e astúcia superior à de outros animais.

Masie era muito bonita. Loiríssima, tinha o jeito calmo e pausado de uma mulher que faz bolos de manteiga em uma vitrine. Assumia o posto atrás do balcão da Grande Loja e, quando o freguês estendia a mão para que ela tirasse as medidas da luva, logo se lembrava de Hebe, a deusa grega da juventude; e, num segundo instante, perguntava-se como ela tinha conseguido aqueles olhos de Minerva.

Se o inspetor da loja não estava por perto, Masie mascava chiclete; quando ele passava por ali, a moça elevava o olhar, como se mirasse as nuvens, e sorria com ar melancólico.

Esse é o sorriso da atendente de loja, e aconselho o leitor a evitá-lo, a menos que tenha o coração calejado e também afinidade com as travessuras de Cupido. Era o sorriso que Masie reservava às horas de lazer, e não à loja, mas o inspetor precisava de uma dose. Tratava-se do Shylock das lojas de departamentos. Quando aparecia para xeretar, cobrava também seu pedágio: para as moças bonitas, era olhar afetuoso ou um “passa daqui!”. Claro que nem todos os inspetores de loja são assim. Há poucos dias, os jornais contavam a história de um com mais de 80 anos de idade.

Certo dia, Irving Carter, pintor, milionário, viajante, poeta, automobilista, entrou por acaso na Grande Loja. É forçoso acrescentar que a visita não era voluntária. O dever filial o agarrou pelo colarinho e o arrastou porta adentro, enquanto sua mãe olhava interessada algumas estátuas de bronze e terracota.

Carter andou calmamente até o balcão das luvas para matar o tempo. Sua necessidade de um par de luvas era genuína: esquecera de trazê-las no passeio. Mas suas ações dispensam desculpas porque ele nunca tinha ouvido falar de flertes no balcão das luvas.

Ao se aproximar de seu destino, ele hesitou, repentinamente ciente dessa face desconhecida do trabalho pouco digno de Cupido.

Três ou quatro rapazes, algo vulgares e vestindo cores gritantes, apoiavam-se nos balcões num embate com aqueles protetores manuais. As vendedoras soltavam risadinhas e se ofereciam como escada para o protagonismo dos fregueses, em estridente tentativa de chamar-lhes atenção.

Carter teria recuado, mas já tinha ido longe demais. Masie o encarou do balcão, inquisitiva, com olhos de um azul gelado, lindo, cintilante como um raio de sol sobre icebergs à deriva nos mares do sul.

E então Irving Carter, pintor, milionário etc., sentiu uma onda de calor corar seu rosto aristocraticamente pálido. Mas não era acanhamento, o rubor tinha origem intelectual. Ele soube, num instante, que estava no mesmo patamar de jovens comuns, banais, que flertavam com moças sorridentes em outros balcões. Ele mesmo se apoiava no carvalho daquele improvável ponto de encontro, um Cupido proletário, com o coração desejoso da consideração de uma vendedora de luvas. Carter já não era melhor do que Bill, Jack ou Mickey. E, de repente, sentiu simpatia por eles e um exultante e audaz desprezo pelas convenções que o haviam moldado, além de uma inequívoca determinação para ter aquela criatura perfeita para si.

As luvas estavam pagas e embrulhadas, mas Carter protelou a saída. As covinhas nos cantos dos lábios vermelho-escuros de Masie ficaram mais pronunciadas. Todos os cavalheiros que compravam luvas ali adiavam a partida daquele mesmo jeito. Ela dobrou o braço, revelando-se pela manga do vestido, feito Psiquê, e apoiou o cotovelo sobre o visor de vidro do balcão.

Carter desconhecia a experiência de estar numa situação sobre a qual não tivesse perfeito domínio. E agora ocupava uma posição muito mais desconfortável do que

Bill, Jack ou Mickey: não tinha chance nenhuma de encontrar aquela linda moça socialmente. O cérebro dele se esforçava para lembrar os costumes e a natureza de vendedoras sobre quem tinha lido ou de quem ouvira falar. Por algum motivo, ele tinha a impressão de que essas pessoas nem sempre faziam questão de usar os canais tradicionais de apresentação. O coração de Carter batia alto, mas hesitante com a ideia de propor um encontro incomum com aquele ser adorável e virginal. A agitação interna acabou por lhe dar o empurrão que faltava.

Depois de alguns comentários amistosos e bem recebidos sobre temas gerais, ele colocou seu cartão de visita ao lado da mão da moça, no balcão.

“Perdoe-me o atrevimento”, disse, “mas gostaria que me concedesse a satisfação de reencontrá-la. Meu nome está no cartão. Garanto que é com o maior respeito que peço a deferência de me tornar um de seus ami... conhecidos. Posso ansiar pelo privilégio?”

Masie conhecia homens, principalmente homens que compram luvas. Sem hesitar, mirou-o nos olhos com um sorriso franco e respondeu:

“Claro. Você me parece direito. Não costumo sair com homens que não conheço. Não fica bem para uma moça. Quando quer me ver de novo?”

“Assim que possível”, disse Carter. “Se me permitir, posso ir até sua casa...”

“Masie riu melodiosamente. “Nossa, não!”, retrucou, enfática. “Se visse o nosso apartamento! Somos cinco dividindo três quartos. Queria só ver a cara da minha mãe se eu aparecesse em casa com um amigo!”

“Nesse caso, em qualquer lugar que lhe seja conveniente”, disse o apaixonado Carter.

“Então”, continuou Masie, sua pele de pêssego exibindo uma expressão de quem pensara em algo brilhante, “acho que quinta-feira à noite é bom para mim. Me encontra na esquina da 8ª Avenida com a Rua 48 às 7 e meia? Moro ali do lado. Mas preciso estar de volta às 11 horas. Minha mãe não me deixa ficar na rua depois das 11 horas”.

Carter concordou agradecido com os termos do encontro e saiu à cata da mãe, que já o procurava para mostrar a Diana de bronze que havia comprado.

Uma vendedora de olhos pequenos e nariz arrebitado aproximou-se de Masie, querendo conversa.

“Agradou o grã-fino, Masie?”

“O cavalheiro pediu permissão para ir me visitar”, respondeu Masie, imponente, enquanto guardava o cartão de Carter no decote.

“Permissão para visitar!”, repetiu, olhos pequenos, rindo baixinho. “Ele disse algo sobre jantar no Waldorf e um passeio de carro depois?”

“Pare com isso”, disse Masie, enfasiada. “Você não está acostumada com coisas bacanas. E só pensa nisso desde que aquele bombeiro levou você naquela espelunca para comer *chop suey*. Não, ele não falou nada sobre o Waldorf, mas o endereço no cartão dele fica na 5ª Avenida, e, se ele por acaso pagar o jantar, pode apostar sua vida que o garçom do lugar não estará de rabo de cavalo.”

Ao sair da Grande Loja dirigindo seu carro elétrico, na companhia da mãe, Carter mordida os lábios e sentia o coração apertar. Sabia que o amor chegara a ele pela primeira vez em seus 29 anos de vida. O fato de o objeto desse amor ter prontamente aceitado encontrá-lo numa esquina, embora indicasse um passo em direção a seus desejos, deixava-o apreensivo.

Carter não conhecia a vendedora. Não sabia que a casa dela se resumia a um quatinho onde mal dava para se morar e que normalmente estava lotada de amigos e parentes. A esquina da rua era sua sala de estar, o parque era onde recebia visitas, a avenida era o jardim onde gostava de caminhar. Ainda assim, e na maior parte do

tempo, ali ela era tão senhora de si, intocável, quanto a donzela que habita o aposento forrado de tapeçarias.

Certa noite, ao cair do sol, duas semanas depois do primeiro encontro, Carter e Masie estavam passeando de braços dados num pequeno e mal iluminado parque. Chegaram a um banco, protegido por árvores, mais afastado, e ali sentaram.

Pela primeira vez, o braço dele a envolveu, discretamente. E ela recostou a cabeça loira em seu ombro.

“Nossa”, suspirou Masie, agradecida. “Por que nunca pensou nisso antes?”

“Masie”, continuou Carter, de modo franco, “você deve saber que a amo. Quero pedi-la em casamento. Você já me conhece o suficiente para não ter dúvida quanto a minhas intenções. Quero você, preciso tê-la. Não me importo com a diferença entre nossas condições”.

“Qual é a diferença?”, perguntou Masie, curiosa.

“Na verdade, não há diferença”, respondeu Carter rapidamente, “a não ser na mente dos tolos. Tenho o poder de lhe dar uma vida de luxos. Minha posição social é inquestionável, tenho muitos recursos”.

“Todos dizem isso”, observou Masie. “É a piada que sempre ouço. Aposto que na verdade você é balconista

de lanchonete ou vive de apostar em cavalos. Não sou tão ingênua quanto pareço.”

“Posso lhe dar todas as provas que quiser”, respondeu Carter educadamente. “E quero você, Masie. Eu a amo desde o primeiro momento em que a vi.”

“Todos amam”, disse Masie, dando risada. “Essa conversa... No dia em que eu conhecer um homem que se apaixone por mim só no terceiro encontro, acho que fico com ele.”

“Por favor, não fale assim”, pediu Carter. “É verdade, desde a primeira vez em que cruzamos olhares, você é a única mulher no mundo para mim.”

“Mas é mesmo um brincalhão!”, retrucou Masie, rindo novamente. “Para quantas outras você já disse isso?”

Mas Carter insistiu. E por fim conseguiu tocar aquela alma ao mesmo tempo delicada e irrequieta que habitava, lá no fundo, o adorável peito da balconista. As palavras penetraram um coração cuja leveza era também a melhor forma de proteção. Ela o encarou com olhos que de fato o viam. E um brilho cálido tomou-lhe as maçãs do rosto. Trêmulas, suas asas de mariposa se fecharam e ela parecia estar a ponto de se aninhar na flor do amor. Um leve vislumbre da vida e das possibilidades para além do balcão de luvas a visitou naquele

momento. Carter percebeu a mudança e avançou sobre a oportunidade.

“Case comigo, Masie”, suspirou, “sairemos desta cidade horrorosa, conheceremos lugares lindos. Deixaremos o trabalho para trás, a vida será feita apenas de longas férias. Sei aonde vou levá-la – já estive lá muitas vezes. Pense numa praia onde o verão é eterno, as ondas são sempre vibrantes e as pessoas vivem felizes e livres como crianças. Velejaremos para lá e ficaremos o tempo que você quiser. Em uma dessas cidades distantes existem palácios maravilhosos repletos de pinturas e estátuas deslumbrantes. As ruas são feitas de água e as pessoas se deslocam em...”

“Eu sei”, interrompeu Masie, ajeitando-se na cadeira. “Gôndolas.”

“Isso”, sorriu Carter.

“Foi o que pensei”, completou Masie.

“E depois”, continuou Carter, “seguiremos viagem para onde desejarmos. Depois da Europa, visitaremos a Índia e as cidades antigas daquela região, passearemos de elefante, conheceremos os lindos templos hindus e brâmanes, os jardins japoneses, os camelos e as corridas de charrete na Pérsia, e todas as belezas do mundo. Gostaria de fazer isso, Masie?”

Masie se levantou.

“Acho melhor irmos embora, é tarde”, disse a moça, friamente.

Carter concordou. Ele já conhecia as variações de humor da moça, sempre ao sabor do vento, e sabia que era inútil enfrentá-las. Mas sentiu certo triunfo: tinha segurado, ainda que por um fiapo de seda, a alma de sua arredia Psiquê, e portanto havia esperança. Pela primeira vez, ela havia recolhido as asas e suas mãos frias tinham se fechado sobre as dele.

Na Grande Loja, no dia seguinte, Lulu, a amiga de Masie, a encurralou no canto do balcão.

“Como vão as coisas entre você e seu amigo bacana?”, perguntou.

“Ah, ele?”, respondeu Masie, arrumando os cachos. “Adivinha, Lu, o que o sujeito queria que eu fizesse.”

“Que virasse cantora?”, palpitou Lulu, ansiosa pela resposta.

“Nada, ele é muito pé de chinelo até pra isso. Queria que eu casasse com ele e fosse passar a lua de mel em Coney Island!”

O projeto gráfico deste livro inspirou-se na modernidade dos textos de O. Henry, evidente no estilo e nos temas que o distinguem. Assim, foi feito um desenho com linhas que buscam ecoar a mesma difícil simplicidade. Além disso, desde a capa, passando pelas guardas e mapas, propõe-se um caminho pela cidade de Nova York da virada do século XIX para o XX, onde se passam os contos.

A tipologia dos títulos, Galanda Moderna, desenhada por Radko Hromátka, tem o sabor *art-déco* da época. Combinada a ela está a tipologia do texto, ITC Century, um redesenho de Tony Stan para a fonte Century, desenhada para a *Century Magazine*, uma revista de ensaios, artigos e ilustrações, editada em Nova York, entre 1881 e 1930, na qual O. Henry chegou a ser publicado.

O livro foi impresso em papel Pólen Soft 90 g/m³, na gráfica Ipsis, em janeiro de 2016.

ESTE EXEMPLAR É O DE NÚMERO

DE UMA TIRAGEM DE 1.000 CÓPIAS

ISBN 978-85-69002-10-9



9 788569 002109

